

REVISTA "A Violeta". Ano 16, nº 194. Cuiabá, 25 de dezembro de 1931.

# A VIOLETA

Orgam do Gremio Literario Julia Lopes

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTORA — BERNARDINA RICH

ANNO XVI || Cuiabá, 25 de Dezembro de 1931 || N. 194

## D. Maria de Arruda Müller

Entre as ephemerides que ridas para nós cuiabanas e especialmente para o Gremio Julia Lopes, figura—9 de Dezembro.

Ella nos falla da amiga dedicada e meiga; da dirigente incansavel; da estrella de primeira grandeza na constellação feminina oa intellectualidade do nosso Estado; da filha esposa e mãe modelar, que é a querida conterranea cujo cliché honra e adorna hoje a nossa revista.

Da sua dedicação e civismo inexcédivel fallam bem alto os serviços inestimaveis prestados á collectividade, tanto como educadora desvelada, como no seio do nosso gremio onde é figura de alto relevo, colliborando ha 15 annos, sem desfalecimentos, enthusiasta sempre, pelos elevados ideaes pelós quaes vimos traba-



Presidente do Gremio  
« Julia Lopes »

lhando, trazendo-nos abnegada e assiduamente o concurso valioso da sua penna rutilante.

Como intellectual, basta lembrar o gesto unanime do Centro Mattogrossense de Letras, indo buscar a no recesso do seu lar venturoso e tranquillo para occupar uma das cadeiras daquelle cenaculo de luzes.

Foi, pois, um dia de alegrias intimas para nós que temolla como dirigente da nossa aggrémiação e redactora festejada da nossa revista, esse em que commemoramos o seu natal.

Nos estreitos limites desta ligeira noticia, levamos, desvanecidas, á querida e infatigavel companheira o nosso affectuoso abraço que traduz fielmente todo o affecto e gratidão.

Da Redacção

## BOAS FESTAS

Feliz Anno Novo

Eis os nossos votos ás autoridades do Estado, ás nossas devotadas consocias e distincos assignantes, ás sociedades irmãs, á imprensa indigena e á sociedade cuiabana em geral.

## CRONICA

**N**ATAL! orações sublimes dos crentes; abençoados serões familiares em torno da arvore symbolica ou ao lado dos tradicionaes presepios; lauta ceia preparada pelas mãos carinhosas das mães!

Natal! canticos nos orgãos das Igrejas, vozes angelicas que entoam o "Gloria".

Natal! festa risonha das creanças, alegria dos amantes enlevo dos esposos, despertar saudoso das avós, tú foste, és e sempre serás o dia sorridente e bello em que cada lar é uma festa, cada coração um tabernaculo de amor pelo Deus Menino,

Elevam as mães as suas

preces de amor pedindo ao Deus que se fez homem abundantes benções aos seus filhinhos; ás crianças sorriem á vista dos varios mimos que lhes dá papae Noei, o menino Jesus, ou os parentes mesmo, uns sorrirem de esperanças e outros recordam sorrindo.

Todos são felizes. todos entoam um hymno festivo e graças e são felizes porque, Natal é a festa que mais consegue aproximar o homem de Deus porque é a comemoração do Deus que se aproximou do homem.

E o temor de Deus cria os bemaventurados!

Está porque são todos felizes!

Todos?!

Os que durante o anno só puderam obter o estrictamente necessario para as suas despezas; os que só puderam comprar a custo e com dificuldades, o alimento e o vestuario aos filhos; para estes, mais que para os esmoléres, o Natal não tem o mesmo sorriso e o mesmo encanto!

As sociedades christãs em um arroubo de amor pelo Deus Menino costumam-se a reunir e oferecer aos pobres,

roupas, viveres, objectos uteis, para que se lembrem, com amor e gratidão, do Creauor que distribue graças pelas mãos dos anjos caridosos da terra.

Bem haja vós Da... e Caridade! vós outros adeptos de todas as crenças christãs; vós filiados das sociedades beneficentes; bem haja todos vós que daes para suavisar e suavisaes pela vossa crença em Jesus!

A vossa caridade è o melhor cantico que podeis entoar ao berço symbolico de Jesus e elle vos enviará a paz, paz prometida "aos homens de boa vontade.

O Gremio Julia Lopes tambem escolhe dentre uma parcella da humanidade um pequeno grupo que annualmente o recebe, de braços abertos e sorriso contente para os mimos de Natal.

E essa parcella é formada pelas crianças dos bairros, onde a almejaça visita annual é esperada com anciedude.

Muito embora a crise que se atravessa ao presente, em um surto de heroismo e confiança nesta boa sociedade, revestindo se de coragem o

Gremio se propõe a empregar a sua actividade para conseguir o seu fim.

E conseguirá?

Fallem as almas caridosas dos que o auxiliam e cada sorriso da criança que se fizer contente é um balsamo salutar que suavisarà aos que se sacrificarem pelo bem; amae os pequenos, recomendou Jesus.

Ao completarem o seu 15 anniversario, o Gremio e a "A Violeta" enviam a todos os seus amigos e bemfeitores os melhores votos de perene felicidade.

Que cohesa seja a sua fileira e que consiga para a Familia e para a Patria os dons que se fizerem precisos para o seu bem e para a sua felicidade.

ARINAPI

## Senhor Menino

Teu nome oh! Jesus, resoa em meu coração com os accordes magicos de una harpa colia;

Suavemente, como o cicio do vento sobre as palmas f'abelladas das tamareiras do Egypto cujos fus es delicados apontam a inclemencia do céo na aridez do deserto . . .

Ternamente, com o ruído de leves gottas de agua cristallina caindo de

uma clepsydra em parque senhorial...  
Alacrememente como gorgejos de  
passaros os mesmos passaros talvez  
que na Galiléa longinqua um dia, sob  
bre os oliveiras sómbríos dos hortos  
de Getsemani fizeram a acompanha-  
mento ás lágrimas de tua Paião!

Elle sosinho é um poema de do-  
ctura e firmeza na sua simplicidade  
hebraica.

Repetindo-o nas minhas orações  
ouvindo-o na pronuncia castiça de  
grandes oradores sacros, lendo-o a  
travez a torturado e sincera duvida  
de um Renan, ou nas paginas elo-  
quentes de transfigurada fé christã,  
dos doutores da Igreja, que como Stó.  
Agostinho nos conduzem com a sua  
apologetica admiravel aos caminhos  
da convicção nunca elle me souu com  
maior expressão de brandura, como  
na quadra que me ficou entre as re-  
miniscencias de minha infancia, da la-  
damba cantada pela voz meo fanho-  
sa de Miguel e repetida centos e  
fora do recinto coligado, pelos con-  
vidados e pescal inteiro da "Uzina".

Cantemos com grande alegria  
Que o menino Jesus é nascido  
Pois no ventre da Virgem Maria  
Nove mezes elle andou escondido  
Noite de festa, de tumulto, de  
alegria...

Apos a oração frente o altar gar-  
ridamente enfeitado de flores e de  
luzes sobre a alvura immaculada,  
das toalhas rendadas e bordadas tem  
começo a função.

Dentro de um enorme paliçado  
coberto de folhas de uacori, o chão  
socado, alinham se mesas onde se  
fartam todos, de doces, bolos e bebi-  
das. No espaço entre as mesas e o  
altar os violeiros apontam as suas

vioças e iniciam o curmú, dança  
tradicional herdada dos aborigenes e  
adaptada pelos africanos.

Repeição monotona de quadras  
onde a rima seja como for sempre  
apparece, ao lugubre som das toadas  
congolczas dedilhadas em tres ou  
quatro vioças, com o acompanhamen-  
to de caracaxás e sapateados bizzaros  
passos medidos e cadenciados dos  
curruzeiros em movimento circular  
continuo.

De vez em quando uma quadrinha,  
uma nova loa para variar:

Sinhô Menino nasceu  
Veio alegre os coração  
Pobre nasceu, pobre morreu  
Pra nós dá santa leção.

Quando apparecem violeiros tamanas  
no desafio então é bem interessante  
o torneio floral que aquelles ingenhos  
tabaréos entabulam noite a dentro,  
sem descanso.

No ar foguetes esportam com  
frequencia, enquanto lá fóra no ter-  
reiro gramado, dentro da noite vel-  
ludosa sob o estellario faisante, rapa-  
zadas e rapazes em ciranda ligeiris-  
sima, rodopiam no siriri, cantando  
lindos versos improvisados no ar  
da cantata...

Noite de Na'a! Nunca mais hei  
de ouvir com a mesma singela devo-  
ção as quadras seranejas em que  
Jesus me appareceu como um doce  
cherubim pela primeira vez, já vae  
tão longe!

Deitado no capim de taio  
Jesus ri pra o jumentinho  
C'o a vaca que bem juntinho  
Come a paia e bebe orvaio

Mary.

## DOR DE POETA

O sol põe manchas de ouro no arvoredos  
E dos ramos alonga a sombra sobre o muro  
Victoriosa, na clareira, a luz a medo  
Entre as folhas se ins núa — em claro escuro

Soberbas vagas flagelam o penêdo,  
No salso elemento sempre bem seguro.  
Depois, buscando a praia em um balanço lêdo  
Mansas, beijam: da vasa o lodaçal impuro.

A luz viva da dôr na alma de poeta  
— Jardim fechado, sombrio e solitario —  
Deriva-se em penumbra... e, lenta, se aquiêta...

Contra o mal, tal assim a vaga do oceano  
Faz-se força, a crescer, luta, num desvário,  
Para depois rojar — triste destino humano!

*Mary*

## As Flores

*A' saudosa memoria da bôa e querida vovó*

Encarnando uma das maravilhas da Creação, parecem feitas as flores umas dos beijos ardentes do sol; outras, das transparencias meigas de luar, infiltradas todas, da distillação do orvalho matutino, e levemente avelludadas pela cariciante brisa.

O estheta divino as fez resnirgir da elegancia de cada haste, nessa perfeição de corollas magnificas irradiadoras da bizarría de tons alacres e cambiantes caprichosos na apagada existencia vegetal.

Harmonizando, num conjuncto magistral a symphonia divina ca graça, belleza e perfume, as flores exercem magica seducção na humanidade, principalmente as rosas proclamadas, rainhas dos vergeis e predilectas da meiga Therezinha, que as immortalizou naquella attitude beata, cingindo as carinhosamente de encontro ao crucifixo adorado.

O destino das flores é o destino das bellas juventudes..

Ephemera e fugaz a vida radiosa da flor.

Um dia de sol e eis descorada, emmurchecida e desfeita toda a belleza da corolla imponente e magnifica; assim, diuidos pelo sol da realidade os sonhos roseos e explendentes da adolescencia breve, a belleza feminina estiola-se, fogem se-lhes a graça e a spiritualidade da alma, tal

volatiza se no espaço incommensuravel, o perfume, alma mysticada flor...

Entretanto, as flores, entre ellas, tem destinos bem diversos umas, nos festins da vida, constituem o ornato de maior goste e distincção, deslumbrando como verdadeiras joias vivas; outras rociadas de lagrimas embalsamam de seu aroma subtil e delicioso o ambiente derradeiro do esquite tristonho, onde affagam em caricias affectivas de mães, esposas e filhos, o corpo inerte e ja então indifferente á tudo.

E, nessa derradeira jornada á caminho do tumulo, ellas partem numa verdadeira immolação, ainda ressumbrantes de vida e belleza...

Eis, porque, enfeitando-nos so licitamente a vida como a morte, as flores, meigas e sinceras companheiras, merecem-nos imorredoura g atidão.

ALICE

## Promessa Cumprida!

No principio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Deus criou o mundo, no Eden plantou um jardim e neste poz o homem creado à sua imagem e semelhança, isto é, possuindo todos os attributos de Deus em grao infinitamente menor, para o hortar e guardar, para a eterna felicidade desse pedaço de barro a que um sopro di-

vino deu vida e para a propria gloria do infinito Deus de todas as cousas Creador.

Mas o homem estava só e o Deus compassivo deu lhe uma companheira que lhe seria submissa.

Eva, essa que devia ser a boa e fiel e meiga compartilhadora do viver simples, perfeitamente feliz e innocente do paraizo, possuindo o privilegio sem par de falar directamente com o seu Creador, deixou-se arrastar pela curiosidade, pouco depois por atos enganadores e o homem arrastado á tentação, desobedeceu ao Senhor de todas as cousas; roçou no abismo do peccado, quebrou a sua aliança com Deus, e ei lo a regar com a suor do seu rosto, a terra que ainda ha pouco tudo lhe dava sem nenhum esforço.

Estava pois frustada a finalidade para que o homem fora creado? Oh! Não!

Deus, compassivo e bom, vendo na sua omnisciencia o não completo exito dos meios que poria em pratica para a perfeição do homem, disse á serpentadora "porei inimidade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça"...

—  
Era a promessa do Messias.

O segundo Adão remiria os peccados de todos assim como por um só homem todos pecaram.

A essa promessa se referiam os profetas do Velho Testamento:

.....

Na Palestina o povo escolhido, patriota e sonhador, curvado sob o jugo ron ano, esperava o descendente de David—o Libertador.

Os tempos eram chegados; passadas

estavam as semanas preditas por Isaias, quando um decreto de Cesar Augusto obrigou cada um air a sua propria cidade afim de alistar se

Foi então que, como ja disse alguem, sob a manifestação de vassalagem material de um povo, raiou, a jorros, a luz esplendorosa da liberdade espiritual do mundo.

Foi em Belem, (casa de pão) distante legua e meia na direcção sul de Jerusalem, ja indicada por Miqueas, que se cumpriu a promessa feita no paraizo terreal, nascendo na gruta acolhedora Aquelle que esmagaria a cabeça da serpente—o Messias.

O homem falira, mas Deus é imutavel, dava lhe o Salvador; o que morreria no topo do Calvario, levando sobre si os nossos peccados; sendo innocente soffreria injustamente, sendo o homem salvo pela sua morte, sarado pelas suas pisaduras e recebendo a paz pelo seu sacrificio com uma condição: — Crer. Jesus nasceu em Belem de Judá, o dia exa o desse acontecimento unico, não se pode precisar, sendo, no entanto, de acordo com a tradição, universalmente fixado o dia 25 de dezembro como o do nascimento de Cristo — digamos, pois, que nesse dia havia jubilo nos ceus porque as pazes entre Deus e o homem seriam feitas e por isso os pastores ouviram o cantico annunciação dessa alegria e das bençãos que o Senhor dava aos seus queridos «Gloria a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens a quem ele quer bem» e que ainda hoje, prepassar dos minutos desse dia convencionado como sendo o do nascimento do Rei dos Reis, ecôa aos ouvidas dos que retribuem esse querer que, comovidos e



reverentes, murmuram: De tal maneira amou Deus ao mundo, que deu o seu Filho unigenito, para que todo aquelle que nele cre não pereça, mas tenha a vida eterna.

A. ALVES

## Conto de Natal

### Reminiscencias

Elle passava por um sceptico. Zombava de tudo, parecendo incapaz de um acto de sensibilidade.

As moças temiam-no, as velhas bem ziam se á sua passagem.—E' um hereje, diziam convencidas.

Nessa atmosphera de quasi antipathia passava elle aqui longas temporadas, tendo somente franca accitação nas rodas masculinas onde o seu espirito trocista era ruidosamente acolhido.

Nunca compartilhei da opinião feminina á seu respeito. Sempre achei que, sob aquella apparencia se occultava uma alma generosa mascarada pelo scepticismo: dahi o não evital-o.

Talvez esse facto ou uma sympathia mutua nos aproximara e em amistosas palestras convenci-me de que o meu juizo não era erroneo, e fizemos amigos.

Entrou um dia rindo-se muito. Fora visitar um amigo que se envinvara havia 6 mezes e o encontrara chorando.—Veja minha amiga, um rapaz cheio de vida, tendo perdido a mulher ha 6 mezes, ainda chorar!

E ria se muito.

Puz-me seria, e fitando-o longamente, como a querer ler aquella coração enigmatico perguntei-lhe em voz carinhosa.

—O senhor nunca chorou?

Notei uma subita transformação.

Uma vermelhidão subiu-lhe ás faces, o sorriso que nos seus labios bailava, cessou e, sinceramente, me confessou:

—Sim, minha boa amiga, chorei uma vez só, mas chorei. Tenho saudades desse momento inesquecivel, unico na

minha vida de bohemio.

—Conte-me porque chorou, conte-me sinceramente,

Isso firmará mais o juizo que sempre fiz de si.

—Que juizo? inquiriu quasi que arrependido daquelle momento da sinceridade.

—Só lhe direi depois de ouvir o motivo porque chorou.

Calou-se alguns momentos, como procurando evasivas; mas, vencido talvez pela curiosidade de ouvir o meu juizo ou pelo natural que tanto tentava occultar, começou, um pouco nervoso, sem o desembaraço habitual, quasi hesitante:

—Na minha profissão de caixeiro viajante, vivo errante pelo mundo

Em certa occasião cheguei á P. e aluguei uma casinha junta a de uma familia abastada. Tinha que passaa alli 1 ou 2 mezes e não quiz ir para o hotel.

Queria estar mais a vontade.

As janellas davam para o pateo da casa contigua e, todas as tardes eu ouvia a palestra das creanças e assistia, a-travez das venezianas, os seus folguedos.

Sempre gostei immenso de crianças.

Havia entre ellas uma pequena que, logo á primeira vista, se notava não pertencer á familia.

Modestamente vestida, com o seu aventalinho preto, brincava com as outras e palestrava.

Era para mim um regalo ouvir aquelles petizes todas as tardes, fallarem de bonecas e bombons, pularem corda, jogarem a cabra cega

As suas gargalhadas argentinas penetravam me no coração fazendo-me um bem estar immenso.

Era fim de Dezembro.

Nas vesperas do Natal a animação era enorme, aquellas crianças vieram para o pateo Assentaram-se em um banco e Amelinha que era a mais velha indagou.

--Que me trará Papá Noel?

—Eu desejava um livro de historias de guerra, disse o Gastão.

—E eu uma boneca que dorme, disse a mais nova que teria 6 annos.

—Que desejas, Helena?

Perguntou Amelinha á companheirinha.

—Ora, eu nada desejo, porque para mim elle nada traz.

—Porque? inquiriu o menino.

—Porque elle só conhece as creanças que tem pais.

Ora, não pense isso.

—Talvez elle te traga alguma cousa, Sempre é bom a gente dizer o que quer. Queres uma boneca ou um vestido?

Helena pensou um pouquinho e depois disse:

—Eu gosto muito de bonecas e livros de historia, mas antes eu queria que elle trouxesse um chale para eu levar á vóvo que está sempre tremendo.

Riram-se as creanças e começaram os folguedos.

No meu escondirijo, estive pensando longamente naquella creança de 8 annos, que, renunciando os seus desejos infantis, pensava em uma veihinha tremula pela neve dos annos...

Na noite de Natal assisti á collocação dos sapatos no parapeito da varanda que dava para o pateo. Fazia luz e Helena foi a ultima que collocou o seu chinellinho. Durante a noite rodei o quintal, e pela madrugada encontrando um ponto mais facil para a escalada, saltei o pateo, cheguei ao parapeito.

Os sapatinhos estavam todos cobertos de brinquedos, e eu colloquei sobre o chinellinho de Helena o embrulho que trouxera.

Atravez das venezianas fechadas assisti, pela manhã, as alegres surpresas das creanças.

Lá estavam bolas, bonecas, polichinellos, ursos, livro de contos etc.

Helena as ombrada tinha o embrulho nas mãos e não se atrevia a abri-lo.

Curiosa, a Amelinha encarregou-se dessa tarefa e quando foi descoberto o conteúdo, um oh! geral ressoou pelo pateo.

A pobre creança com o rosto escondido no avental soluçava e quando descobriu o rolavam-lhes as lagrimas pelas faces. Amelinha entregou-lhe uma boneca que dormia, um livro de contos, illustrado, e um chale de lã escura:

As lagrimas daquella creança foram contagiosas. Quando dei acôrdo de mim tinha chorado!...

Retomando o seu ar despreocupado o meu amigo olhou-me fixamente e disse:

Tambem chorou? Aquellas lagrimas eram contagiosas, não é assim?

E depois de leve pausa.

—E o juizo?

—Sempre o julguei um bello coração, que vive a alardear sentimentos maus que não possui, e a narrativa que acaba de fazer me prova claramente a segurança do que pensava a seu respeito.

Muitos annos são passados.

O meu pobre amigo já não pertence ao numero dos vivos e é com saudades que me lembro sempre da sua palestra interessante, cheia de vida; e quando vejo o P. C. apparentando qualidades más e escondendo os generosos sentimentos da sua bella alma, não sei porque sempre me lembro daquelle inditito amigo tão cedo roubado á vida!

D é a

## O milagre do Natal

A Alguem...

Si o batel de tua vida em mar de dores Sossobra, e tens desesperança...

Entrega-o á Jesus, e teu barquinho Vogará num oceano de bonança!

*Pobre mulher!... Haviam já dois annos que jazia doente em seu misero leito! Viuva, pobre, sem parentes que a pudessem auxiliar; só lhe restava neste mundo de miserias seu filho unico que contava apenas nove annos. A pobresinha necessitava submeter-se á uma operação, mas, não possuia os recursos*

ora fazer uma longa viagem, pois, naquella lugarejo não havia medicos formados entendidos nessas doenças de difficil cura.

Assim mesmo, impossibilitada de pegar algum trabalho de cujo fructo tirasse o necessario para o sustento seu e de seu filho, não se des-cuidou de lhe ensinar a ler, a escrever, a contar.— E o pequeno então conseguiu empregar-se como vendedor de jornaes e com o pouco que ganhava comprava as magras refeições que só lhes chegavam para elles entreterem o estomago. Corria o mez de Dezembro... e o menino aguçadinho em um cantinho do carcomido portal que dava á rua, matutava, matutava, com a doença de sua Mãe-sinha, com a miseria que os acabrunhava; e por aquella cabecinha passava uma multidão de pensamentos tristes, tão tristes, que quem os sentisse, muito se admiraria de ver o Ceu impassivel cobrir tanto desgosto num coração tão tenro ainda, sem se apiedar, sem derramar sobre aquelle pobresinho uma chuva de estrellas nikeladas.; Então, seus ouvidos ouviram tres vezes tocar na proxima ermi-

da o pequeno bronze e seus olhos pardos, grandes como dois sóes, viram muita gente passar em rumo da casa do Senhor... Correu para dentro e perguntou á sua progenitora Mãe-sinha, porque estão todos apurados correndo para o templo? O que aconteceu por lá?

E a infeliz disse-lhe: É a novena do Natal, meu filho... — E que vem a ser isso, Mãe-sinha! Então a desditosa senhora contou-lhe que em tempos remotos, Jesus vierá ao mundo, nascera, mais tarde padecera e morrera pregado em uma Cruz, onde derramara a ultima gotta de seu sang.e, para com esse seu sacrificio aplacar a justa ira de seu Pae pelos peccados dos homens, fallou-lhe tambem de sua Ressureição e explicou-lhe que em memoria do nascimento de Jesus, todos os annos fazem essa novena em os 9 dias precedentes ao vinte e cinco de Dezembro. Contou-lhe da missa do Gallo á meia noite, em a hora que Jesus nascera em Belem, disse-lhe tambem, que o menino Jesus dá tudo aquillo que se lhe pede nessa hora...

E elle escutou-a muito attento e inquiriu-lhe: Mãe-sinha, porque não havemos nós

tabmem de pedirmos á Jesus tua saude, tudo o que precisamos! E a coitada respondeu-lhe: Ajoelha-te filho, rezemos até o Natal, Jesus ouvir nos-ha. De mãos postas, com o rostinho resplandecente de fé, o pequeno acompanhou-a.. Porem a desgraçada peorou de tal sorte que em à noite do Natal ao terceiro badalar do sino, o coitadinho aflicto por ver o desolador estado de sua Mãe, correu à capella...

Em caminho, olhando para o solo viu um papel bem dobrado... Curioso com era, a baixou-se, apanhou-o. desdobrou o e... surpresa!... era um bilhete inteiro de loteria do Natal! Guardou o, entrou na Egrejinha, ajoelhou se diante de Jesus e quando soou a meia noite, em a hora que em o coro cantaram-se o «Gloria in excelsis Dei» o pobresinho banhado em pranto, com os olhos fitos em Jesus, pediu-lhe: Jesus, meu querido Jesus zinho meu irmãosinho do céu, olhae-para nós, dae saude á Mãesinha, premia este bilhete que achei para que a Mãesinha tenha dinheiro para viajar e possa ser operada, sarar e cuidar de mim!...

E Jesus, somente lançou-lhe

um olhar suavemente profundo mas, naquele olhar disse-lhe muito, disse-lhe tudo, e elle comprehendeu o bem! Terminada a missa, voltou para sua casa e continuou a cuidar de sua Mãe.; Dias após, quando vendia os Jornaes leu a lista dos numeros dos bilhetes, premiados

O do seu bilhete ganhara a sorte grande. Com o coração alvoroçado de alegria brevemente recebeu a importância, fez transportar sua Mãesinha para uma cidade adiantada onde havia bons médicos, onde ella foi operada e dalli por diante cuidou muito de seu filho, fez-o fazer a primeira communhão em a noite do seguinte Natal.. Em o momento que recebeu a Sagrada Hostia, elle agradecido disse baixinho a Jesus Sacramentado Quanto pode um teu olhar, Jesus!

IRMA PLAWASKY

### Aviso

A todos que tem bilhetes do sorteo de uma almofada e um par de jarras nikeladas, prevenimos que a extração se realizará na noite de 31 do corrente no Jardim Alencastro.

## VOZ MATERNA

Amo de minha mãe o olhar materno e santo,  
Quando, pleno de amor e affecto, em mim descança  
Amo-lhe o affago em que me faz sempre creança  
E o seio onde repouso o cerebro em quebranto

Amo-lhe a religião em que me fala tanto  
Da existencia de Deus, no rito da esperança,  
Amo-lhe a maternal physionomia mansa;  
E a mão que me abençôa, e me allivia o pranto

Com mais ardor eu amo ainda a voz, serena,  
Que, imperativa e meiga a um tempo só, me ordena,  
Num cicio de amor e de sorriso falho;

-- Filho, desperta. Surge a madrugada... Vae!  
Derrama o teu suor na seara do trabalho,  
Perpetuando assim o exemplo de teu pae.

Jerey Jacob

## DE LEVE

Perguntaste me, um dia.

— Querida, porque vives de sonhos?

E sonhando eu te respondo: — Porque em sonhando me dás as ilusões mais ternas, as carícias mais suaves, os encantos mais doces!

Quando fecho os olhos, sonho: sonho contigo e te vejo sentado em nuvens cor de rosa e me aliras tantos beijos espirituaes.

Em meus sonhos vejo uma casinha toda branca, cheia de alegria e um jardim cheio de amores perfeitos, jasmims, rosas sem espinhos.

Sonhando eu canto baladas de amor que meus labios aprendiram para tu ouvires...

Escuta: chega perto de mim, mais... assim... mais perto... assim. Escuta: ... ouviste?

São versos apaixonados que me inspiraste? São lindos, não?

E cantaríamos em beijos o teu... o meu... o nosso amor que foi feito de sonhos...

E quando abro os olhos oh! quanta desillusão! Disperso o meu sonho lindo... tão bello!

E é por isso que vivo de sonhos para cantar sempre a epopéa do teu... do meu... do nosso amor...

*Yara do Leste*



## As Formigas

*Ao meu filhinho Newton*

Dizem que as formigas são insetos prejudiciais.. De facto o são porque destroem as plantações uteis que são a base da nossa alimentação e do nosso progresso. Entretanto, nos teus 8 anos, eu, que sou o mais terrível inimigo, desses insetos, te direi: Se os homens fossem tão dedicados ao trabalho como são as formiguinhas e, como elas, tive sem por instinto a economia, pensassem no dia de amanhã, talvez não existissem tantos necessitados tantos indigentes de mãos estendidas recebendo das mãos generosas o seu humilde te no e o seu pão, hoje dia do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quando fores homem, segue o exemplo das formiguinhas, trabalha e economiza, mas não te esqueças de amparar os verdadeiros necessitados para que a caridade e a generosidade completem o círculo das tuas virtudes.

Cuiabá, 25-12-931

J. A.

Xarope Alcaeus

Raballo

Efficaz nas tosses, bronchites e rouquidão

## NOTICIARIO

### Sociaes

#### Annversarios do mez

- A 1 sr. Manoel D. Cavalcanti  
 A 2 sta. Dulce Proença, sr. Raul José Vieira.  
 A 3 O jovem Clovis Cardozo  
 A 4 sta. Haydée de Figueiredo sr. João B. Curvo  
 A 5 Professor Alcindo de Camargo sr. Alcindo de Siqueira sr. Jehovah Epaminondas  
 A 6 D. Anna Mamede Rondon  
 A 7 D. Abigail B. de Azevedo  
 A 8 Prof. Eucharío de Figueiredo sr. Cezão das Neves  
 A 9 D. Rita Muller P. de Azevedo  
 A 10 D. Amelia J. de Oliveira, Prof. Almira de Mendonça, sta. Waidomyra Bueno sr. João Febronio de C. Caldas sr. Manoel Pereira Cuiabano, sr. Jorge Dreux  
 A 11 sta. Selizia Gurgel  
 A 12 D. Anna Ignácia Ribeiro O jovem Luiz P. P. Leite  
 A 13 D. Odilia Nogueira sta. Lenira de Oliveira, A menina Regina Stella de Barros  
 A 14 Cel. Gurgel do Amaral, sr. Jayme Pitaluga  
 A 15 O jovem Everardo Povoas  
 A 16 D. Luiza de Figueiredo, D. Cesina de L. Maciel  
 A 18 D. Maria Bastos Jorge, A menina Theresinha Muller  
 A 19 D. Alda de Mattos, sr. Dario Rocha sta. Deonina da S. Pereira O menino Hugo Muller  
 A 20 D. Alina Tocantins, sta. Iame Boabaid, Prof. Philogonio Correa, O jovem Dante Miraglia  
 A 21 sta. Clarice de Lima, sta Irene de Oliveira sr. Thomé R. de Siquira  
 A 23 D. Maria Luiza Pina sta. Sinhá de Figueiredo sr. Benedicto Braga A menina Nilza de Arruda  
 A 25 Advogado Estevão de Mendonça. sta. Armelinda Gandisley  
 A 27 D. Frederica M. da S. Pereira  
 A 29 D. Mariana Ponce

A 20 Dcs. Ferreira Mendes, sr. Pinheiro Filho

A Violeta apresenta a todos effusivas felicitações.

### Viajantes

Para Pernambuco, seu estado natal, seguiu em visita a sua familia o Dr. Euphrasio Cunha, acompanhado de sua bonissima esposa.

Desejamos ao distincto casal a mais agradável viagem e feliz regresso ao nosso meio onde são muito bem-quistos.

Para o Rio de Janeiro seguiu com a Iguaemy o nosso illustrado amigo Dr. João Ponce de Arruda, a fim de realizar o seu consorcio com a distincta Sr. Helia Valle.

Feliz viagem e prompto regresso.

Para a capital do Paiz, viajou, acompanhado de sua exma. esposa, o Sr. José Maria Alves, do alto commercio desta praça.

Gratas pelas despedidas, desejamos aos estimados itinerantes feliz viagem e prompto regresso.

### Os que chegam

Embora tardiamente, apresentamos á distincta Senhora D. Marianna C. Neves e sua gentilissima filha sã. Nadir, a nossa affectuosa visita, satisfeitas immensamente, em velas restituídas ao nosso convivio.

Regressou a esta Capital depois de alguns mezes o Desembargador Oca vio Cunha.

A's muitas visitas que tem recebido juntamos com prazer a nossa.

Vimos com prazer resituido ao seio de sua familia e da sociedade cuiabana o nosso jovem amigo Tte. Gastão Cunha que veio servir no 16 Baalhão aqui estacionado.  
visitamol o.

Está novamente entre nos o concetuado clinico dr. Felintho Ribeiro, vindo de Cáceres

A Violeta leva-lhe a sua visita.

Depois de longa estadia em Campo Grande, veio e esta Capital em visita a sua extrema irmã, o nosso talentoso e estimado amigo dr. João Villasboas.

Esta Redacção, prazenteira em vel-o, apesar de passageiramente, leva-lhe a sua amistosa visita, desejando-lhe longa e agradável permanencia entre nós.

### Encerramento de aulas

Simple e empolgante foi a cerimonia que assistimos na Escola feminina, regida pela professora D. Amelia de Arruda Alves. Presidida pelo Director Geral da Instrucção, com a assistencia de diversos professores, foram distribuidos premios às alumnas que mais se distinguiram nos exames, havendo em seguida hymnos e recitativos que muito agradaram.

A exposiçào de trabalhos escola res paten eou mais uma vez a dedicaçào e competencia da esforçada e du adora, e com verdadeiro prazer felicitamol a.

### Offerta

Da conceituada livraria A. Capi-

tal, recebemos a animosa offerta da «A Retirada da Laguna», essa epopeia immortal da nossa historia, que acaba de ser vasada em formosos versos pelo nosso talentoso conterraneo Antonio Tolentino de Almeida.

Esta Redacção felicita sinceramente ao autor por mais esse instructivo e bem acabado trabalho e agradece ao Sr. Carmindo de Campos a gentileza da offerta.

### Folha da Serra

E' este o titulo da formosa revista illustrada que ora se publica em Campo Grande, sob a cuidadosa direcção do sr. Aguinaldo Trouy.

Os dois primeiros numeros que temos em mãos, alem de nitidamente impressos, trazem bellas e uteis collaborações; alem de excellentes clichés formando um conjunto bellissimo e attraheite.

Esta de parabens a imprensa campograndense com a publicaçào da nova revista, á qual desejamos muita vida e muitos louros.

### FALLECIMENTOS

Fomos tristemente surprehendidas com o fallecimento de D. Alexandrina B. de Souza occorrido no 2º districto desta capital a 28 do mes passado

Para todos que a conhecem, esse era luctuoso acontecimento consternou profundamente, e esta Redacção que sempre lhe mereceu um carinho especial, inmensamente sentida, deposita sobre o tumulo da inesquevel senhora uma braçada de saudades.



No mesmo dia falleceu, victima de cruel enfermidade o nosso venerando coestadoano cap. Manoel Augusto de Figueiredo.

Pai de familia exemplar, cidadão honesto e laborioso, gozava em nossa sociedade da mais elevada consideração.

Consternada, esta Redacção apresenta á desolada esposa, dedicados filhos e demais parentes do pranteado morto as expressões sinceras do seu grande pezar.

Victima de lamentavel acontecimento, falleceu a 18 do corrente o cap João Bento Rodrigues de Lima, director da Bibliotheca Publica do Estado.

Deixa numerosa familia, quando mais necessaria era a sua existencia.

Muito pesarosa A Violeta apesenta a todos os membros da familia enlutada, sinceros pesames.

## Caixa d'A Violeta

**D. Maria**—Até a ultima hora esperamos uma collaboração da boa amiga, mas... faltou. Porquê?

**Yara**—A remessa temos feito pontualmente, não sabemos porque não lhe chega ás mãos. Isso nos penalisa verdadeiramente. A sua carta vai ser respondida.

**A. A.**—Custou! Estamos radiantes com o concurso que nos promete. As boas jardineiras cultivam sempre as flores mimosas que ajudaram a plantar.

Muito bem!

*Issis*

## Nem Todos Sabem..

Muito antes da tragedia de Seraveja que foi o pretexto para o desencadeamento da maior guerra de que ha noticia, realizou-se, em Moscou, uma exposiçã pedagogica, na qual se reuniu to a sorte de documentos e lembranças escolares.

Os concurrentes a tão interessante certamente comprimiam se em torno de uma folha de papel cuja leitura provocava grande hilaridade.

Éra uma folha de classificações de um alumno da universidade de Kasan, na qual se lia o seguinte:

«Direito Enciclopédico»: Progressos insignificantes; applicação insufficiente.

«Historia Geral»: Alumno sempre ausente. Extremamente preguiçoso».

O curioso documento tinha a data de 1847. O estudante mediocre, indolente e invisivel não era outro senão o grande Leon Tolstoi.

## A Garage Avenida

Instalada a rua 13 de junho, dispõe de carros confortaveis, e attende chamados a qualquer hora.

TELEPHONE N. 137